

Sarney tem dois planos sobre a mesa: o de Funaro, propondo um novo choque, já apelidado de minicruzado; e o de Sayad, estabelecendo reajustes graduais de salários e preços. Mas não consegue escolher. Para complicar a situação, perdeu ontem a possibilidade de conseguir a

trégua de 120 dias dos empresários e trabalhadores. Os sindicalistas resolveram romper formalmente o diálogo até que haja um negociador que possa falar em nome do governo. Eles se irritaram quando, segundo revelaram, o ministro Pazzianotto admitiu que Funaro se

adiantara às negociações aprovando unilateralmente o realinhamento dos preços. A confusão que paralisa o governo e toda a economia, impedindo que os empresários planejem investimentos, está nesta e nas páginas seguintes.

# O <sup>266</sup> governo não se entende



"Duxaram o tapete" de Pazzianotto?



Funaro, pelo choque.



Sayad, pelo realinhamento gradual.

## Agora, um mini-cruzado.

Duas propostas de medidas estão na mesa do presidente José Sarney para decisão ainda hoje: realinhamento geral de preços e salários nas próximas 48 horas (é a mais drástica, defendida pelo ministro da Fazenda, Dílson Funaro); e realinhamento gradativo, por meio de pacotes que seriam desembulhados ao longo do tempo (essa, mais moderada, é do ministro do Planejamento,

João Sayad). Ontem, Sarney determinou que Funaro se reúna urgente com Sayad para chegarem a um ponto em comum, que permita o anúncio público da decisão.

Durante audiência com o presidente no Palácio do Planalto, Funaro instituiu que o governo precisa promover uma nova medida de choque, mas Sarney continuou resistindo à idéia. Uma

das dúvidas levantadas por ele: mesmo realizando o que seus assessores chamam de "minicruzado", não é possível prever o controle na inflação futura. Funaro pensa em reajustar preços e salários com base na inflação acumulada desde 28 de fevereiro passado, excluindo as antecipações salariais, dissídios e "gatilhos". Com isso, espera zerar a inflação. Do ponto de vista político, as-

sessores de Sarney consideram a tese um desastre, pois obrigaria o presidente da República a reeditar decretos-leis às vésperas da instalação da Assembléia Nacional Constituinte.

Desta vez, prevalece o pensamento do ministro do Planejamento, João Sayad, conforme confidenciou um assessor direto do presidente Sarney. Administrar a economia, lembrou o as-

essor, tem sido o termo mais usado por Sarney nos últimos dias em conversas com os membros de sua equipe econômica. O maior inconveniente dessa tática, porém, está na demora de conseguir índices inflacionários baixos. Por um pe-



Sarney terá que decidir entre as propostas de Funaro e Sayad

ríodo de mais quatro meses, no mínimo, o governo terá que conviver com altas taxas, o que poderá se tornar um risco quando se aproximarem os períodos de dissídios das maiores categorias de trabalhadores.